

1.º MAI 1984

A marcha de retorno

Economia - Brasil

Aos poucos vão sendo conhecidos os indicadores de que o processo inflacionário está sendo contido. Como não poderia deixar de acontecer, São Paulo continua sendo o grande barômetro. E a primeira semana de maio, no entanto, trouxe boas novas, retiradas do comportamento do mercado de trabalho. Naquele período a reabsorção de empregos projetou valores significativos. Em apenas sete dias o desempenho positivo revelou um nível de emprego superior aos dois meses anteriores, evidência de que doravante as tendências de reversão deverão mostrar uma recuperação econômica, abrindo-se os espaços necessários para conter progressivamente a recessão.

Cresce a demanda de mão-de-obra. Cresce o desempenho da indústria, mormente aquela ligada aos segmentos da exportação, onde os manufaturados ampliam as pautas de colocação junto às praças do mundo. Juntamente com o secundário, o setor primário, já incorporando as primeiras colheitas de grãos e cereais, mostra índices de produtividade em graus satisfatórios, com uma tonelagem bem superior aos volumes da safra de 1983. As lavouras que não progrediram pelo menos mantiveram os mesmos resultados anteriores.

O Conselho Monetário Nacional,

agora com mais domínio da programação da recuperação econômica, acompanha de perto o desempenho da economia, no seu todo, corrigindo distorções e reavaliando rotas de colisão, a exemplo da emissão primária de moeda, que em maio se situou além dos valores programados. Esse desvio, no entanto, não chegou a comprometer os objetivos definidos pelo Governo Federal, no início do ano.

1.º MAI 1984

A grande reação dos governos de países devedores do mercado financeiro internacional, protestando contra os aumentos da **prime rate**, decidida pelos grandes bancos dos Estados Unidos, conseguiu conter as pretensões onzenárias dos banqueiros americanos, fazendo-os refletir na impropriedade do que pretendiam, chamando-os para uma revisão de atitudes.

O quadro financeiro atual, como projeção das relações de troca, vem-se deteriorando aceleradamente desde os idos de 1977. Daquele ano até 1982 houve uma acentuada deterioração no poder de compra das exportações brasileiras. Caíram em cerca de 50%. De 1980 para 1983, a via de retorno para os EUA também ficou bloqueada em relação a toda a América Latina, registrando-se um decurso de US\$ 4 bilhões para US\$ 2,5 bilhões. Essa queda implicou a

desestabilização de quatrocentos mil empregos para o mercado de trabalho dos Estados Unidos, numa eloquente perversidade da **prime** e da política protecionista adotada pelos norte-americanos.

Existem, pois, razões que militam em favor de uma revisão na questão dos juros cobrados no exterior, mantendo-se os níveis atuais dos compromissos brasileiros para manter em dia compromissos externos.

Não foi sem outra razão que o Conselho Monetário Nacional abrandou as medidas restritivas de crédito à indústria e ao comércio, apertando o cerco em cima das taxas de juros sobre os redescontos, com a finalidade de regular melhor a expansão dos empréstimos relativamente aos depósitos. Também tornou mais flexível a questão do endividamento público, sendo autorizada a rolagem da dívida das estatais.

Costura-se a colcha de retalhos desenhada pelo FMI para servir de abrigo às nossas necessidades, em termos globais, compondo-se um arranjo de sacrifícios com prazos limitados de duração.

São esses prazos que começam a vencer, oferecendo condicionamentos revigorados por um período de vacas magras que ora vai se transformando ante os primeiros acenos de bonança.

Já se pode afirmar que o enfermo não irá morrer da cura.